

Suas Magestades e Altessas
passam sem novidade em suas
importantes saudes.

O augusto conde de tomar
vai engordando com os ares
patrios e com o alivio das sa-
dades.

TERCEIRA SESSÃO DA LIGA.



MAIS uma sessão na
Liga, mais um
dia de régua para toda
a hortaliça em geral,
e para alguma cenoura
em especial!

A assembléa apre-
sentou todos os sym-
ptomas de gravidade
pela turbulencia que
desenvolveu. A caracte-

terística d'uma reunião séria em Portugal,
é sem a menor duvida o tumulto.

Discutem-se os estatutos, discutiram-se,
e serão ainda discutidos. E' a Mathusalem
das discussões; aquella mocidade esperan-
çosa que afflue á Liga, tem d'envelhecer
antes de concluir a ardua tarefa dos esta-
tutos.

Não se disse disparate algum — é força
confessa-lo. O Europeu esteve sempre cal-
lado.

Porque não appareceu João Aliás? O
que traz este moço tão descuidado? *Pecunia super omnia!*

Agora diremos que achamos excellente
a Liga; apenas tem um unico inconvenien-
te, não servir para nada!

Pequeno artigo sobre ainda mais
pequeno assumpto.



EM proximo o
1.º de Janeiro. A capital
começa a resentir-se da
chegada desses *lanzudos*,
que dos pin-
caros mais ele-
vados da serra
da Estrella
cahem sobre a
rua dos Algi-

bebes e limpam de fato feito todas as lo-
jas; — chegam os *pais da patria*, que não
podendo viver na historia vivem no alma-
nak, unica gloria immortal a que podem
aspirar. Vai-se abrir.... Agora mesmo
vimos o olho do delegado — não dizemos,

não, o que se abre.... abre-se.... abre-
se.... *et atera.*

Os *butes* da Ribeira-Velha agradecidos
em deputação percorrem as hospedarias
mais ridiculas da capital; o unico pé ca-
paz d'entrar nelles é o pé provinciano, pé
de boi, pé callejado d'andar calcando terra
atraz do arado, e que está por tanto á pro-
va de bezerro mal cosido.

Musa da Universidade, musa com os
dedos sujos de tinta, agora inspira-nos
para cantar tambem o lente apatetado que
deixa a sebenta caderneta para se sentar
em banco de palhinha e gosar daquella
sommeira constitucional, que é um dos
mais bellos privilegios do systema repre-
sentativo.

Os measmas que se espalharam pelas
ruas de Lisboa assás revellavam a aproxi-
mação dessa epidemia que nos invade a
bolsa e o nariz; o instincto da conservação
demonstrava a necessidade de nos fortifi-
carmos com canphora e outros ingredientes
contra os *lanzudos*.

Pois está effectivamente a cholera-mor-
bus em Lisboa?

Não; o que está é peor, mil vezes
peior.... Chegam os.... camellos (*c'est
le mot*), e o paiz vai abrir o cofre para
os vôr carregar.... de parvoices!

O LEÃO.



EM hora aziaga conce-
demos nós, por graça
especial, a alguns man-
cebos, e *ci-devant* man-
cebos da capital, cartas
patentes de janotas, por
que desde logo perde-
ram estes a tranmon-
tana, suppondo que tal
titulo lhe dava o direito
ao elevado gráo de leão!
E' o cúmulo da loucura.

O leão, o genuino
leão, só vive em Paris,
é-lhe necessaria aquella
atmosphera, aquelle
clima, aquelle tohu-bohu, aquelle *sabat*,
aquella vida agitada.

Leões em Lisboa!!! Apenas temos ur-
sos, e nem todos os povos civilizados po-
dem dizer outro tanto.

O ser leão não consiste em amarrar em
torno ao gasnete uma rodilha branca e cal-
çar luva cor de palha. Em Paris, onde ha
perto de um milhão de habitantes, apenas
se encontram meia duzia de leões e outras
tantas leões; entre nós até ha urso de mais
de trinta e cinco annos, que pertende ser
leão!

Leões de trinta e cinco annos!! Nem
para empalhar servem.

O leão deve ter fortuna, pouco ventre,
deve ter as mãos rotas, deve roubar mu-
lheres, padecer do figado, ter por amante

uma dançarina (accessorio de rigor) jogar
desde pela manhã até á noite. As intrigas
amorosas devem ser ás duzias, os escân-
dalos, pelo menos, dous por semana!

Mancebos que transitaeis por este mundo,
dizei-nos quantas mulheres tendes rouba-
do?

Qual de nós padece de figado!!!! Leões
em Lisboa!!! Nem os dá nem os cria a
natureza!! E mesmo quando fosse possi-
vel a criação do leão, onde se encontra
entre nós uma leão? Qual o marido que
quereria ser, o que costumam ser os ma-
ridos das leões?

Nunca tivemos, nem teremos leões; a
nossa condição é a de sermos ursos. mor-
ramos pois na religião de nossos pais.

Leões a calquinhar lamas, leões mettidos
dentro de seges de aluguel, leões mo-
rando em trapeiras, leões gastando por
anno quatro vintens, leões corados como
saloios, cheios de calos e de pé para den-
tro; se isto é ser leão, nesse caso até o
conego Lacerda é leão.

Quien mucho quier, tudo lo pierde.

A natureza creou os inglezes para bois,
os italianos para salame, a nós para ursos.
Assim nada lisonjeia tanto um ingiez como
o chamar-lhe boi; e um italiano dá a vida
quando um estrangeiro lhe diz — *voi siete
un salame.* — Deixemos pois aos francezes
o exclusivo de leão; e quanto a nós con-
tentem-nos de ser ursos, o que na or-
dem dos quadrupedes equivalle a sermos
todos viscondes.

CARTA

Da Redacção do Supplemento ao muito
alto e poderoso João Elias.

Ex.º Sr.



CABAMOS de receber a carta
de V. Ex.ª na qual nos
pede lhe digamos com fran-
queza se por nós é eu não
considerado como janota
ou leão.

Peza-nos assegurar a
V. Ex.ª que desde muito
consideramos a V. Ex.ª
como fazendo parte da
familia dos Pancracios; no
entanto não pômos duvida
em conceder a V. Ex.ª
as honras de urso; isto por graça especial
em attenção á elevada posição de V. Ex.ª
e pelo considerarmos ainda de menor idade.

Deos guarde a V. Ex.ª

Os Redactores.

FELICITAÇÃO

Dos merceeiros a Gomes Navalhas.

Ex.^o VISCONDE.

A ILLUSTRE corporação dos outrora tendeiros e hoje merceeiros, por graça da civilização, vem com a modestia do queijo flamengo á amanteigada presença de V. Ex.^a, e dando tres pullos no ar saudam-o com triplice bateria de rasoira, barrica, e colher de páo. Sim, ex.^o ex-collega, ou mesmo actual collega, porque do tendeiro ao visconde moderno *il n'y a q'un pás* — em todas as lojas se arvorou a *vera effigie* de V. Ex.^a,



e os imberbes caixeiros revestiram-se dos seus mais lavados avantaes para exprimir o seu gaudio.

O feijão, o grão de bico, ainda parente collateral do grande circulo bicudo, *pol-karam* nas suas respectivas casinholas, e um insolente paio, que pelo ventre parece o nosso Gorjão — imprimiu um osculo gordorento n'uma joven *chouriça*, que ainda ha bem pouco viera da provincia, e que sorria com aquella graça que só dá o pudor, halouçando se brandamente no tecto. As vellas de cebo, como anti-conservadoras que são, foram as unicas que não partilharam os nossos folgedos — caso virgem nos annaes da mercearia!

Salve, visconde de Castro!! Começas por onde os outros acabam, e por isso acabarás onde os outros começam. — Qual Castro fraco, nem qual Castro forte, Castro visconde *for ever*, e daqui ninguém nos tira, entaoando sobre um barril antigo ainda do novo visconde os tres vivas rançosos

Viva Portugal!
Vivath os merceeiros!
Viva a independencia nacional!
(Seguem as assignaturas.)



O CONDE de tomar chegou a Aldeia-Gallega com perto de vinte soldados de cavallaria, e diz-se que S. Ex.^a trouxe estes soldados para o livram dos ladrões. E' o maior epigramma que até agora se tem feito aos ladrões!

— Ninguém foi brindado com mais *per-ruas* esta festa do que o reverendo Marcos Preto.

EDITOR RESPONSAVEL — MANOEL DE JESUS COELHO. — Typ. de M. de Jesus Coelho — Rua do Poço dos Negros N.º 54.



JOÃO ALIAS, MEMBRO DA LIGA.